A INIMIGA
da Rainha
Nº 1
"Não estamos pedindo para ser
incluídas numa sociedade racista.
Se falamos não para o patriarcado
hetero, então não queremos ser
assimiladas numa sociedade
que continua profundamente misógina".
Angela Davis
ARI FROST

#1
A INIMIGA da Rainha
O Anarquismo, então, realmente favorece a liberação da mente humana da dominação da religião, a liberação do corpo humano da dominação da propriedade, a liberação das cadeias e proibições do governo.
O Anarquismo significa uma ordem social baseada no agrupamento livre dos indivíduos, com o propósito de produzir a verdadeira riqueza social, uma ordem que garantirá a todo ser humano acesso livre a terra e ao gozo completo das necessidades da vida, de acordo com os desejos individuais, gostos e inclinações.
Emma Goldman

Ari Frost
Capa
Frase de Angela Davis

DIY Workshop
Capa Alternativa
Frase de Emma Goldman

Xs contribuidorxs dessa revista são pessoas de diversas partes do mundo, e certos textos foram traduzidos.

Artigos originais em português e contribuidorxs brasileirxs são:
Anuar, Moska, Mirna, GT de Gênero, Valter e Jean S.

Inner Galaktik: Artista da Slovenia, artigo original em inglês. Traduzido por Mirna.

Jean Freitag: Ativista queer da Alemanha, artigo original em inglês. Traduzido por Mirna.

Emma Goldman: Anarquista dos Estados Unidos, texto de 1910, original em inglês. Traduzido por Antônio.

Josefa Martin Luengo: Anarquista da Espanha, texto original em espanhol.

Ageda: Feminista do Pais Basco, texto original em espanhol. Traduzido por Patchelli.

Contato: diyworkshop@riseup.net

INDEX

▲ original ■ artigo

△ tradução □ poesia

Fragmentos Anarquistas

Liberdade consiste no "desenvolvimento pleno de todas as faculdades e poderes de cada ser humano, pela educação, pelo treinamento científico, e pela prosperidade material." Tal concepção de liberdade é "eminentemente social, porque só pode ser concretizada em sociedade," não em isolamento. Em um sentido negativo, liberdade é "a revolta do indivíduo contra todo tipo de autoridade, divina, coletiva ou individual." (Bakunin)

Relato que por vezes assume a voz de um grupo, Maloca, mas que em momento algum deixa de ter sido pensado por mim. Então não é um reflexo perfeito de toda a Maloca, mas um fragmento; resultado de vivências no espaço e das consequentes reflexões que tive.

Falar da maloca libertária é falar de uma experiência propriamente anarquista. Os significados e estilos de ativismo, idealismo, ideologia, ética, seja lá como você define anarquismo, são vários. Por isso não me arrisco a definir em uma palavra o anarquismo da Maloca. Passarei a pensar e escrever sobre o que até agora foi realizado e através disso tentar apresentar nossas dificuldades e avanços no decorrer de nossa história.

De tudo o que foi conversado ao longo desses anos, algo que ficou bastante evidente, principalmente nos cursos de anarquismo e Foucault, é que o confronto que trava o anarquismo é contra o poder. Não qualquer tipo de poder, pensado no sentido de possibilidade. Mas o poder opressivo, aquele que domina e comanda nossos "corpos e vidas". Portanto, a Maloca Libertária tem como um de seus pontos centrais, se não o principal, acabar com qualquer tipo de dominação por parte de quem quer que seja. Indivíduo, ou grupo (usurpadores de qualquer possibilidade de liberdade).

Os próprios clássicos do anarquismo, Bakunin, Malatesta, Reclus, Emma Goldman, etc, possuíam também esse ideal: a liberdade (ou, a não-dominação). Poderíamos até dizer um principio essencial ao anarquismo, este da não-dominação (contra todas formas de subordinação). Pensando ainda no clássicos retomam-se também vários outras ideias expostas ao longo da tradição. Auto-gestão, apoio mútuo, autonomia, horizontalidade política, ação direta. Não que estejamos presos aos pensamentos e práticas desses pensadores e ativistas. Mas que retomando-os, podemos achar validade e aplicabilidade em muito do que dizer, como os métodos e princípios aqui citados.

Então não é diferente na Maloca, neste sentido, esses princípios e métodos estão presentes. Mas, claro, num contexto diferente. Para nos compreender nós lemos estes autores cujos livros estão disponíveis na nossa biblioteca. Além claro de nosso conterrâneos, Maria Lacerda de Moura, Antonio Mendes, O Inimigo do Rei, Ricardo Líper, etc.

No geral, as atividades da Maloca giram em torno de discussões referentes a vários assuntos: educação, ecologia, feminismo, violência, movimento negro anarquista, sexualidade, psicoativos... Nesses tipos de dinâmicas várias opniões se encontram e abrem novas possibilidades de se ver os assuntos. Eu diria que além de uma atividade que produz conteúdos ético-anarquistas. É também um processo de desmitificação para alguns. A abertura de novos horizontes de sentidos. Novas maneiras de se enxergar esses assuntos que giram em torno de nossa vida como indivíduo e sociedade.

Alguns criticam este tipo de ação por parecer meramente cultural, mas eu realmente acredito na via do diálogo e da livre produção. Claro que precisamos também articular em outros âmbitos de combate aos poderes opressores. Mas não sem perder de vista que existem diversas estratégias e vias de confronto. O estimulo de circulação de ideias é fundamental para a boa prática. Penso que o diálogo e auto-gestão andam de mãos dadas, por isso considero um fator bastante importante no caminho anarquista.

Com o Libertando Ideias, rodas de conversa, cirandas, encontros de música, assembleias, oficinas, a editora da Maloca e tantas de nossas vivências, experimentamos nossa criatividade, e às possibilidades viáveis de movimentação dentro do viés horizontalista. Nossa luta com toda certeza possui muitas limitações, e não há como negar. Nossa sociedade e os aparelhos de dominação que operam seu ordenamento são fortes e traiçoeiros.

Não creio que devamos desmerecer o modo de luta de nenhum anarquista, seja ele pacifista, insurrecionista, especifista, coletivista ou individualista... Acredito que liberdade é também vida. A auto-defesa é indispensável para nossa emancipação, principalmente na luta pela extinção da força policial, tão próxima e comum em nosso cotidiano. Jamais combatendo como eles, genocidas ou exterminadores. Seres máquinas, sem alma e nem compaixão. A sociedade ainda guarda em seu bojo o fascismo, que igualmente precisa ser combatido. Inclusive no meio anarquista. Temos que nos reconhecer como pessoas norteadas pela vida e não pela morte (talvez a única condição para se usar a violência seja a auto-defesa; penso também na sinceridade e nas mentiras e o perigo que levam - quem atirou primeiro? Como superar o problema dos interesses políticos? - não sucumbir a discursos baratos; desculpas para conservar a presente desordem social).
Esperança.

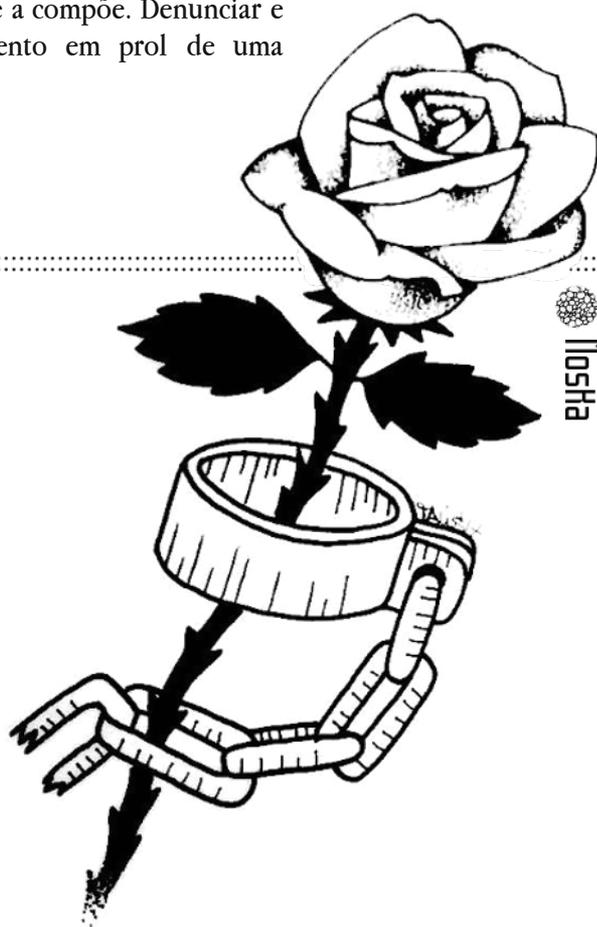
Somos juntos seu maior inimigo (do sistema). O que precisamos é expor suas contradições, desnudá-lo, para abrir caminho para que possamos, no futuro, ter ainda mais possibilidades de desferir contra estes aparelhos de dominação nosso antídoto. Quero dizer, àquelas manobras (ações: articulações) que acreditamos ter eficácia para mudar o estado de opressão em que a muito vivemos. É isso que a maloca libertária vem tentando realizar nesse percurso. Creio eu. Em conformidade com o vigor de cada parte que a compõe. Denunciar e desmascarar os meios de opressão. Perseguir seu desmantelamento em prol de uma organização de base. Sem centro de poder. Ou seja,
sem um lider, chefe, ou rei.

 texto: Anuar | arte: Talita

Cores, forma e Aparência

Noska

O mundo é antes de tudo um lugar.
Extremamente feito de injustiça.
Não só porque distribuímos desigualmente
Todos os bens materiais.
Não só porque as decisões que afetam muitos
São tomadas de forma autoriária por poucos.
Não só porque a paz é um recurso limitado
Que poucos podem usufruir cotidianamente.
O mundo é injusto porque também criamos
Todo tipo de hierarquia social.
E baseado nelas, julgamos, separamos e permitimos.
O mundo é injusto não só, porque não somos iguais perante a lei.
Mas, preferimos cores, formas e aparência, ao invés da essência.
O mundo é também simbolicamente injusto.
O amor, o afeto, e o carinho tem cor, cara, e etnia preferencial.
Fazemos escolhas, baseadas em preconceitos, estereótipos,
Estigmas e modelos de sucesso preestabelecidos...

Mirna Wabi

Sobre o terrorismo do Estado, e sua ferramenta genocida de controle social.

A cultura do medo faz parte da vida dos Brasileiros há muitos anos, mais recentemente exemplificada pelo regime militar dos anos 60. Para gerar esse medo na população, o Estado usou táticas terroristas para impor seu controle como censura, assassinato, tortura física e psicológica. O terrorismo do Estado é vastamente registrado como um fenômeno de governos que se formaram de facções revolucionárias. O que é registrado é apenas uma fração da realidade, e o pouco registrado é uma interpretação de uma pequena fração da população: uma elite branca.

Chomsky é um exemplo de elite intelectual branca que conseguiu erguer as teorias de latino americanos sobre o tópico de “democracia genocida” e "ditatorial". Da mesma forma, Sartre ajudou a valorizar o trabalho de Fanon, então não podemos ignorar a dependência que temos de brancos pra estampar ‘outrxs’ pensadorxs na historia. Com ou sem o reconhecimento e registro, o terrorismo do Estado existe ainda hoje, e não é motivado por interesses revolucionários, mas ao invés protege o status quo e os interesses reacionários das elites.

“Assim como xs nativxs foram demarcadxs bichos selvagens pra justificar sua exploração, também são aquelxs que buscaram guerrilhas sociais, terroristas, ou traficantes de drogas, ou qualquer que seja o termo atual da arte.”(Piero Gleijeses, como descrito por Noam Chomsky, com a inclusão de termos não-binários)

O documento supostamente secreto de 1969 forjado pela CIA chamado “A situação no Brasil” descreve a continuidade de manipulação política dos Estados Unidos, e elogia o desenvolvimento econômico trazido pela ditadura militar. Eles (apoiadores do documento, que de fato eram todos homens) descrevem os sintomas preliminares de insurgência como “terrorismo urbano esporádico”, executado por “fanáticos revolucionários” "desorganizados" e "fracos". Ao mesmo tempo, a "desmoralização", "censura", e "opressão" da oposição é considerada apenas uma estratégia eficaz de prevenir a ascensão de um símbolo de resistência.

“Assim como xs nativxs foram demarcadxs bichos selvagens pra justificar sua exploração, também são aquelxs que buscaram guerrilhas sociais, terroristas, ou traficantes de drogas, ou qualquer que seja o termo atual da arte.”(Piero Gleijeses, como descrito por Noam Chomsky, com a inclusão de termos não-binários)

Hoje, nos Estados Unidos, a categorização de ‘terrorismo’ é extensamente reconhecida como inconsistente e racista: árabes são sim, e brancos não são. Hoje, no Brasil, é também necessário reconhecer atos terroristas do Estado, para evitar tais inconsistências racistas como: o negro pobre aterroriza, enquanto o governo e a polícia não. Para dissecar essa inconsistência racista, vamos ver a mídia como instrumento de manipulação sócio-política, e qual é a motivação por trás dessa manipulação.

A mídia quando relata, também registra e influencia. Existe um excesso de relatos sensacionalistas de crimes cometidos pelo povo pobre negro, o que gera um anseio geral. As ruas de Salvador são encharcadas de medo e ficam vazias na noite, o que em torno deixam as ruas mais perigosas, gerando um ciclo vicioso.

“Hoje em Salvador a partir das 8hs da noite raro encontrar pessoas passeando na maioria dos bairros.”(Relato de um soteropolitano)

A motivação por trás do sensacionalismo não é só maior audiência, é também alimentar a cultura de medo. Essa cultura de medo gera pretexto pra violência policial militar, pra desvalorização racista das vidas de negrxs, e consequentemente pro genocídio de negrxs em comunidades pobres.

O "excesso de contingente" que não beneficia o sistema capitalista pode ser exterminado com o pretexto de proteger a vida burguesa branca, supostamente pacífica e não criminosa. Os relatos não divulgados e não registrados são os relatos de quem não é valorizado por não ter beneficio pro sistema.

A cultura de medo em si tem um grande valor pro sistema de controle social, dinâmica nas ruas, venda de produtos, e desenvolvimento urbano. A cidade em muitas partes parece que foi construída pra carros, já que muitas pessoas têm medo das ruas. Shoppings, fashion, seguranças, segregação foram criados pra beneficiar a burguesia, e normalizar a alienação dxs mais pobres e marginalizadxs.

Por que a burguesia se esconde no medo e falha em romper com essa realidade, enquanto outrxs são assassinadxs em massa? A inocência branca não é realmente ingênua, é deliberada. Porque nesta inocência deliberada podemos preservar a nossa vantagem, e ao mesmo tempo não ser consideradxs racistas. O que é uma coisa extremamente cruel, porque destruímos com uma mão o que supostamente construimos com a outra.

“O pior cego é aquele que, tendo olhos sadios, não sabe entender o que eles lhe mostram.” (Ricardo Líper, da Maloca Libertária em Salvador.)

Pior ainda somos nós que, com olhos sadios e sabendo entender, não queremos ver. Dói reconhecer a violência da qual somos cúmplices, mas dói mais para as principais vítimas do terrorismo do Estado. Temos que ver o problema claramente para começar a resolver. E aqueles que vêem o genocídio como uma solução para o fracasso do capitalismo serão sem dúvida xs nossxs inimigxs.

Referências: **a "Favela não se cala", a "Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto", Gloria Wekker, Noam Chomsky, CIA February 13 1969, Slavoj Žižek.**

Em relação às mulheres

Considerando que o governo Brasileiro envia forças militares para atacar seu próprio povo, a Nação que esta guerra protege não é apenas branca, mas é também masculina. Mulheres em particular têm medo de andar sozinhas nas ruas após o pôr-do-sol. As mulheres têm medo de dirigir seus carros sozinhas. Elas se disfarçam de homens com boné, as mulheres mais ricas contratam motoristas masculinos, e muitas simplesmente não saem de casa. Depender de homens pra proteger mulheres da violência de outros homens não é uma solução para a violência machista, é uma perpetuação dela.

Mulheres trans não são nem seguras nos hospitais, muito menos nas ruas (mesmo que seja onde elas trabalham). Embora tenha havido um aumento da representação empoderadora da mídia e de uma forte comunidade protetora, o Brasil ainda tem registros horriveis de violência transfóbica.

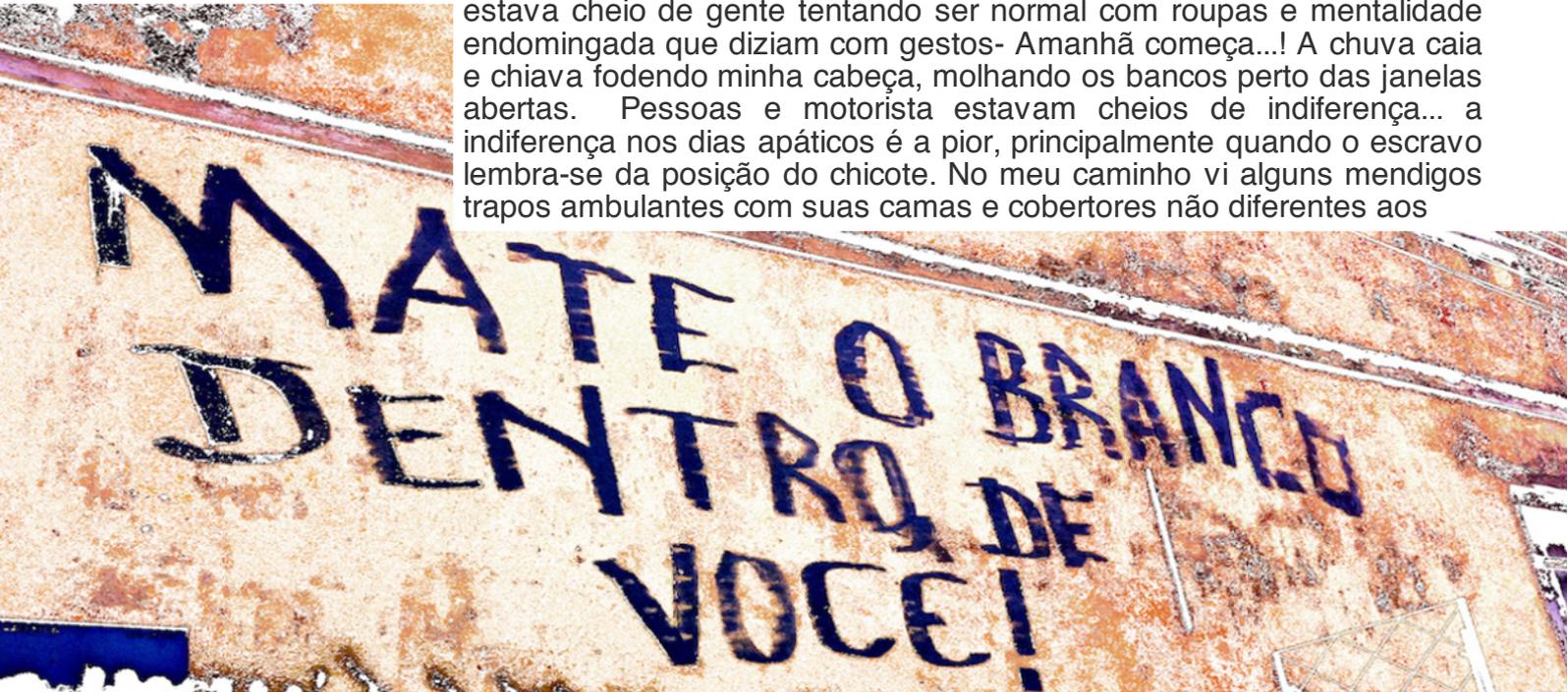
Sempre que a juventude negra é assassinada pela polícia, ela deixa mães completamente devastadas e sem esperança. Sua dor é exacerbada pela impunidade dos responsáveis, e pela presença contínua da polícia em suas comunidades e em torno de outras crianças negras.

O terrorismo do Estado afeta todas as mulheres; brancas, negras, trans, ricas ou pobres, embora mais umas do que outras. Quando reconhecermos o problema e nos unirmos em função da solução, conseguiremos impor significantes mudanças sociais.

A inocência branca não é realmente ingênua, é deliberada. Porque nesta inocência deliberada podemos preservar a nossa vantagem, e ao mesmo tempo não ser consideradxs racistas.

Jean Souza

A gente é treinadx pra aguentar o trauma

A chuva caía fraca salpicando a mim e o chão cinzento, reparei nos espirros que eram iluminados pelos faróis dos carros e no ônibus que entrei para ir embora pra casa. O motorista tinha a aparência do ônibus com a sua cara e a farda encardida com o rosto derretido de descontentamento diário que o domingo impregna como qualquer droga pesada que sai corroendo dia a dia até se parecer com o que vi, os bancos sujos, as baratinhas que fazem a viagem conosco, o piso encardido, os anúncios, o cheiro de indiferença diziam que somos o que usamos, sentei no meu lugar. Minha pressa fez parecer que não saíamos do lugar, comecei a contar as casas, muitas encardidas com limos de décadas que por baixo encobria anúncios de alegrias, convulsões, sorrisos de políticos passados eleitos ou não, logo de boates, propagandas religiosas de salvações eternas com promessas de que com Cristo, Oxóssi e outros mais eu teria um carro, uma casa, dinheiro ou vise e versa, manchadas com tintas ordinárias e traços de pichações resistiam como alguém que luta para ser lembrado. O ônibus estava cheio de gente tentando ser normal com roupas e mentalidade endomingada que diziam com gestos- Amanhã começa...! A chuva caia e chiava fodendo minha cabeça, molhando os bancos perto das janelas abertas. Pessoas e motorista estavam cheios de indiferença... a indiferença nos dias apáticos é a pior, principalmente quando o escravo lembra-se da posição do chicote. No meu caminho vi alguns mendigos trapos ambulantes com suas camas e cobertores não diferentes aos

seus donos, era só nojeira, os seus passos que balançavam os pedaços de pano e plástico preto que enrolados nos pés desgraçados que podemos chamar de sapato ou sandália (a depender da imaginação de quem os fez) fingiam se proteger da chuva. A situação ajuda a esquecer a miséria, se molhavam com sorrisos, as crianças peladas dançavam na lama de esgoto, se banhavam alegres tão alegres que senti inveja.

Depois de passar por vários pontos entrou no busu um homem de muletas que se dizia poeta com uma perna dava pulinhos sem parar, o homem negro jogou-as pro lado fazendo um som metálico no chão como um sino de consciências fundidas e perdidas, e disse:

- Sou poeta, desculpem por incomodar a viagem dos senhores e essa é de minha autoria. Eu poderia ser um jogador de futebol ou uma bailarina...

No fluxo de palavras jorrava ódio, ressentimento, fome de qualquer coisa pra esquecer a vontade, de ter o crime, as horas de ser animal comer um pedaço de carne crua de se fazer mais forte, do sexo incontrolável que se faz babando em qualquer lugar e que dá sentido a vida quando a barriga está vazia, o lapso de memória, a mentira necessária, os incestos permitidos, a mentira da liberdade, todo sofrimento sem dores, uma poesia vazia e de gestos com uma plateia fria como bolas de lodo, ele distribuiu um papel que pedia qualquer contribuição, gritou qualquer moeda. A poesia do dinheiro amigo, só funciona se você estivesse limpo, cheiroso e fosse parecido com algum sonho higienizado televisivo. Dessa vez ele não conseguiu uma moeda, trotou de banco em banco e nada. Deu boa noite a todos, pegou as pernas de alumínio e pulou fora no outro ponto, algumas vozes o chamavam de vagabundo.

Quando cheguei na Lapa pensei em prender a respiração por causa do famoso perfume da periferia. No subsolo ambulantes, travestis, prostitutas, garotos perdidos em alucinações de dominação e jokers se misturam aos trabalhadores que em outro dia qualquer gritariam - tenho carteira assinada não me misturo com gente imunda, e hoje com latas e mais latas de cerveja na mão querem prazer pois enjoam pelo menos uma vez na vida da grande boceta cotidiana, beijam-se fingem compreensão dizendo:

-Cada um cuida da sua vida não sou eu quem bota comida no seu prato.

E se encontram em motéis fedorentos, trepam nas escadarias, esfregam-se por toda parte. Nessa tentativa de diferenciar o prazer os travestis parecem ter certa vantagem, muitos não admitem, mas gostam de dar e receber o cu que pra nossa nação é o ideal a ser alcançado.

Um homem careca gritou:

-Chupo até o cu deula, k..há. Meche o cuzão querendo pica. Seu rosto bêbado e esbranquiçado tremia de desejo, salivou segurando o pau encoberto pelos panos. Quanto é?

O Travesti era mudo e começou a gesticular fazendo uma zoadinha com a boca numa tentativa de formar palavras. O homem me olhou e disse que era melhor assim que não tinha como ela entregar os clientes, ela indicava com as duas mãos abertas e fechando três vezes, o preço foi estabelecido, foram para outra escadaria mais isolada que é usada para esses fins, do lado deles um cara esquelético esquentava seu cachimbo sugando a fumaça do crack, dois estremecimentos, do prazer do boquete e dá droga que invadem o corpo. Vi a cabeça dela engolindo o membro, fazia com profissionalismo para ganhar freguês, o esperma se misturou aos degraus cheios de copos descartáveis, latas de refrigerantes inteiras ou amassadas, camisinhas cheias e recém usadas, pedaços de jornais, pacotes coloridos de salgadinhos, restos de comida, esparadrapo velho com restos de carne podre amarelada e vermelha, detritos de uma noite embriagada, bruma narcótica e o silêncio tremulante, de longe paredes furadas e blocos nus, que a luz dos postes ilumina mostrando ratos humanos em suítes descansando seus rabões no luxo do lixo.

Desviei de algumas goteiras respirando o ar de mijo velho esperando meu busu, achei andando e vi uma criatura, pensei que fosse algum delírio meu, na minha frente toc, toc, toc... o cara tinha uma perna de pau mal feita e pesada amarrada com cordão e saco plástico de mercado que o fazia se arrastar de lado, do mesmo lado que faltava a perna faltava o braço quase todo, um toquinho e um ombro tatuado com risco antigo que mostrava uma humanidade perdida, alguma ideia fixa que foi perdida. Ele me olhou com desprezo, a camisa que usava era quase da cor do asfalto, mais toc, toc, toc ele estava mais impaciente que eu. Chegou o ônibus e entrei primeiro, com uma raiva acumulada ele deu um murro nas minhas costas, falou num dialeto estranho e gaguejante, sentou no lugar e começou a gritar e a mexer nas mulheres que olhavam com cara de vômito, tinham medo que ele as tocassem e alguma doença que nasce bolhas de pus saísse das

peles femininas e socialmente aceitas, o motorista disse que ia jogá-lo pra fora com o busu em movimento a ideia era tentadora alguns sorriram pensando no prazer da possibilidade mas não insistiram muito. Estávamos passando pela Contorno, uma viatura com o giroflex brilhando sem som nenhum talvez querendo saciar o vício de poder, de apertar o gatilho, de conseguir dinheiro fácil, ou apenas chegar em casa e dormir. Quando chegamos no ponto do Elevador ele desceu e foi para perto dos seus amigos que saudaram o Pirata (assim o chamavam) com gritos tribais ofereceram uma garrafa de bombinha que ele bebeu de goladas, estava com sede.

Só uma reta e casas, lojas e mais casas, ferro velhos, a visão do mar, sombras, de vez em quando sussurros que fingimos não ouvir mas que na cara de alguns o medo é estampado com caretas, chego no meu destino, não há mais uma criatura humana na rua além de mim, quatro ou cinco cachorros latem e os felizardos que possuem donos acompanham gritando. Chego em casa meu cachorro me cumprimenta com lambidas, meus gatos se roçam em mim, abro a geladeira e bebo água sem usar copo, me jogo na cama e tento dormir.

-Eu poderia ser um jogador de futebol ou uma bailarina... Sonho feliz. ▲□

Anarquismo e Feminismo

Josefa Martín Luengo

A ideologia anarquista não tem favorecido a aparição em seu seio de movimentos feministas. Seu pensamento sempre tem falado de emancipação da humanidade, de liberação, em termos genéricos, do ser humano, pelo que preconizavam que o objetivo da revolução se estendia tanto para os homens quanto para as mulheres, e criam e crêem absurdo desejar separadamente a emancipação e a liberação do homem e da mulher, sem cair em conta de que o que aceitavam e aceitam é a participação da mulher na revolução social, mas em nenhum momento são sensíveis à problemática específica desta metade do coletivo humano. Ao globalizar o objetivo, desvalorizam a situação feminina, porque não são conscientes de que a mulher sofria e sofre na sociedade uma dupla opressão, uma que se identifica com o grupo masculino, em sua busca de justiça social, liberdade e igualdade; e outra, a do rol feminino submetido historicamente a um papel secundário de ajuda, de colaboração, mas submerso em uma desvalorização física e intelectual que nunca se quis nem se quer reconhecer.

Desde o ponto de vista anarquista, o sectarismo da luta feminina parece uma contradição e teoricamente o é, já que o anarquismo parte da aceitação e da luta pela igualdade dos seres humanos. Mas tal ideologia parte de uma prática cotidiana, na qual a mulher se encontra imóvel e muda, em uma representação criada ancestralmente, na qual não se sente satisfeita, mas duvida se deve sair dela. Ao mesmo tempo, o homem anarquista se move em sua luta pela emancipação dos trabalhadores, de homens que ainda crêem ter a responsabilidade de manter a família, lutar por um posto de trabalho justo e favorecer e engordar assim o papel da mulher como elemento não ativo do processo de mudança social. A luta se estabelecia e segue se estabelecendo como algo que pertence aos homens em cujo lado se encontra a mulher como instrumento de colaboração, sempre a um nível de subordinação em respeito a ele. Este conceito de subordinação é o que impede a ideologia anarquista crescer mais amplamente e ser coerente com a teoria que historicamente propõe, sendo pois, uma contradição no fazer, ainda que não o seja no teórico.

Nossa sociedade se encontra vazia de alternativas. A alternativa anarquista é válida, porque, todavia não se tem demonstrado o contrário. Mas devemos ser sinceros e começar a viver como dizemos pensar, por que pelo contrário, e é o que está sucedendo, deterioramos uma ideologia e terminamos por viver da forma contra a qual lutamos. O esforço deve ser conjunto. Mulheres e homens devemos recriar a convivência. Temos o dever de demonstrar que aquilo que cremos é em verdade possível. Comecemos a viver com uma idéia de colaboração, considerando as amplas diferenças que nos separam, para poder educar-nos conjuntamente e ir a busca de uma emancipação comum, porque as discriminações setoriais as enviamos ao passado, sufocando-las em nome de uma realidade que devemos viver, sabendo quem somos, como somos e o que desejamos conseguir. (Tradução de La Samblea, 12) △■

A impunidade de Clarice Maria de Andrade

Em 2007, uma jovem de 15 anos foi presa por tentativa de furto no interior do Pará. Foi condenada a 26 dias numa cela masculina, onde foi torturada e estuprada numerosas vezes, por numerosos homens.

A jovem falou: “Delegado, delegada, juíza e todos sabiam”. E hoje permanece na prisão do vício, da prostituição, e da marginalização.

Esta jovem de pequena estatura foi violentada de diversas formas e a juíza assinante do ato de prisão, Clarice de Andrade, permanece essencialmente impune. Depois de 10 anos, sugestões de punição ainda são consideradas excessivas e anuladas.

A juíza falou: "Fui afastada de uma forma violenta. Fui praticamente arrancada do cargo. Foi uma coisa que mexeu com toda a família”. E continua recebendo salário sem trabalhar.

Esta visão deturpada da juíza em relação à violência é a fonte dos problemas sociais que devemos combater. Ela não se interessa em combater o patriarcado branco capitalista que alimenta a cultura de estupro, o classismo, e o genocídio racista. Esta é a prova de que mulheres se inserindo na esfera machista/capitalista/racista (da lei, do Poder Judiciário) está longe de significar uma vitória para a condição da mulher na sociedade como um todo. ▲■

Mirna Wabi

Por que Caitlyn Jenner não representa a libertação queer[1]

Quando eu vi uma chamada para escrever sobre exemplos de mulheres reacionárias e como elas perpetuam sistemas sociais opressivos no Facebook, eu imediatamente pensei em Caitlyn Jenner. Isso foi em parte porque ela já foi criticada em abundância por seu comportamento problemático e seu apoio aberto ao partido republicano nos EUA, mas também porque eu acho que o que ela representa, a elite branca e privilegiada e sua avaliação por ser uma campeã da LGBT+- na mídia convencional, porque ela saiu tão bravamente em público como trans, é perigosa e prejudicial para comunidades e pessoas queer. Não me entenda mal, quando falo sobre os privilégios de Caitlyn Jenner, estou ciente de que não os possui porque é trans, mas apesar de ser. A 'saída'[2] de Caitlyn Jenner foi recebida com uma enorme quantidade de ódio transfóbico e intolerância, o que deveria ter mostrado, pelo menos para o público convencional, ou pelo menos para o público desatento e cis[3] nos EUA, que os Estados Unidos está longe de ser um refúgio seguro para pessoas trans (e isso nem sequer inclui a situação de pessoas que não são binárias[4] e não conformes ao gênero). Mas a mídia liberal adorou Jenner! Quero dizer, não é como se Jenner fosse a primeira pessoa que já estivesse a sair publicamente nos EUA, mas, no entanto, ela estava sendo celebrada como se fosse uma mártir dos direitos LGBT+-. Mas certamente, ela é uma das poucas pessoas brancas, ricas e faladoras da língua inglesa nos EUA que fizeram isso nos últimos anos. Penso que apenas possuir privilégios sociais e econômicos não torna as pessoas problemáticas per se, mas ignorar o próprio privilégio e conscientemente aproveitá-lo para o próprio benefício é imensamente problemático! E é exatamente isso que Jenner fez tanto no passado e também depois que ela saiu. Em vez de usar seu privilégio e o espaço que ela conseguiu na mídia para apontar para as lutas e experiências muito mais difíceis e, no entanto, muitas vezes ignoradas de pessoas trans* de cor e pessoas não binárias por exemplo, ela continuou falando sobre sua própria história. Certamente, ela provavelmente teve dificuldade em chegar a um acordo com sua verdadeira identidade, mas, ao mesmo tempo, a razão pela qual isso resultou em um sucesso tão relativo para ela (eu diria que ser a primeira pessoa trans na capa da Vanity Fair é um certo sucesso), pode ter muito a ver com o fato de que ela é branca, rica e bem conectada às fileiras superiores da elite política e social dos EUA. Mas por que também é perigoso para pessoas queer se a mídia convencional apresenta pessoas como Caitlyn Jenner como o rosto da comunidade LGBTI+? Porque as mulheres como Jenner não se importam com a situação da grande maioria dos LGBTI, como os milhares de adolescentes que estão sendo expulsos de suas casas porque são trans, ou gays, ou lésbicas, e são forçadxs[5] a dormir sob pontes, pessoas trans que são espancadxs, estupradxs e assassinadxs todos os dias, e todas as crianças que estão sendo chamadas de "viados" na escola porque não cumprem as imagens dominantes de performances de gênero. No entanto, existem muitas pessoas queer lá fora, que se solidarizam não apenas com membros de sua própria comunidade, mas também com outras pessoas e suas lutas. Perpetuar a imagem das pessoas LGBTI+ como brancas, privilegiadas e favoráveis aos partidos políticos de direita torna ainda mais difícil para grupos progressivos queer e LGBTI+ formar alianças com outras pessoas destituídas de direitos. Além disso, esse discurso pode facilmente alimentar a violência feroz queer*fóbica e dividir xs marginalizadxs na sociedade. E é por isso que Caitlyn Jenner não é nem feminista, nem lutadora por libertação queer.

Jean Freitag

[1] Queers são pessoas que não se identificam como cis [3] ou binárixs [4].
[2] Sair/saída e etc são palavras que se referem ao momento quando alguém se afirma como, ou anuncia publicamente ser, LGBTQ.
[3] cis = pessoas que tem a identidade de gênero correspondente a qual a foi atribuída no nascimento.
[4] binariedade = a percepção da identidade de gênero como uma coisa que existe apenas em dois aspectos: homem ou mulher, masculino ou feminino.
[5] O 'X' é usado como um instrumento de negação da binariedade de palavras que referem a sujeitos como se fossem femininos ou masculinos.

A literatura foi feita pra todxs

Valter Bitencourt Junior

Para muitos homens, intelectuais de épocas passada, a mulher não tinha o direito de ser escritora, a literatura era feita apenas para homens e a mulher por sua vez tinha de fazer os seus afazeres doméstico, muitos dos homens não permitiam que a mulher entrasse em suas discussões sobre literatura, não permitiam que elas colocassem seu ponto de vista, muitos eram boêmios, alguns viviam por sua vez pelas serenatas da vida (poetas e escritores também), alguns verdadeiros paqueradores de mulheres.

Em alguns países somente no século XVIII que as mulheres foram passando a fazer parte da literatura, assim ganhando o direito de serem escritoras, e dedicar-se a literatura. O engraçado que hoje em dia, muita gente acredita que poesia é coisa de mulher, assim como romance também, quem sabe por este motivo que levava os intelectuais acreditarem que a escrita era coisa de homem e não de mulher. Tive essa conclusão quando estudante de escola pública, perguntava algumas pessoas se gostavam de ler, a maioria dizia que não, alguns tinham escritores como homossexuais, a escreverem romance, novelas, poesia, prosa, "versinhos", o mesmo via na fala de algumas pessoas de escola privada, e até universitários que passaram a ler livros de literatura e a se interessar pela leitura depois que entraram na faculdade.

A literatura por sua vez nasceu para todos, é conhecimento de mundo, é leitura e interpretação, a literatura nasceu para o homem, para a mulher, para crianças de ambos os sexos, para homossexuais, para negro, branco, amarelo, vermelho (pessoas de todas as etnias), para pessoas ricas e pobres, hoje a literatura não é somente para a nobreza e o clero, assim como também não é somente para a burguesia. A literatura por sua vez também faz parte da cultura, é conhecimento do mundo e do universo, é a história de um povo ou mais.

Tratando-se de estética a mulher por sua vez enfrentou algumas dificuldades para se encaixar na literatura, coisa que não a tornou inferior aos homens, porque a mulher trouxe a literatura para um novo ângulo que complementou a literatura e a tornou mais forte, algumas optando com um tema doméstico, outras com temas de tristeza, melancolia, solidão, religião, desprezo, amor, alegria, prostituição; e para quem ler poesias de Florbela Espanca, e prestou atenção ela aborda ambos os temas, e inclusive a prostituição, a mulher que se prostitui no amor "amar, amar, e não amar ninguém", a questão da morte, do suicídio, que a vida também pode ser passageira, o "eu".

A poesia ganhou musicalidade (não que antes já não tivesse), temos como exemplo as poesias da Cecília Meireles, poesia com estética, temos como exemplo a Adélia Prado, comparada até com o Carlos Drummond de Andrade, autora do livro Bagagem (e o que digo pode ser visto neste livro), na prosa temos Lygia Fagundes Teles, Nélida Piñon, dentre outras. E na poesia novamente temos Maria da Conceição Paranhos, Myriam Fraga, Gláucia Lemos e tantas outras que vêm se destacando na literatura, muitas super premiadas, acadêmicas conhecida pelo mundo a fora.

A literatura não pode ser dividido apenas em literatura masculina e literatura feminina, a literatura por sua vez não apenas se tornou o conjunto de ambos, como também é o conjunto de ambos (sempre foi...), a literatura e universal, e para todos, e para quem se dedica a ela, e quem não se dedica a ela por sua vez também faz parte da literatura em alguma forma, não em uma questão de obrigatoriedade, porque literatura é história, é palavra, é escrita, é leitura, interpretação e se encontra na cultura e na arte.

Anarquismo: o que realmente significa?

Emma Goldman

**[Traduzido pela Maloca
Revisado por Íris Nery do Carmo.
Editado por todxs da Maloca]**

A história do crescimento e desenvolvimento humano é ao mesmo tempo a luta terrível de novas idéias anunciando a chegada de um novo e brilhante amanhecer. Em sua obstinada persistência na tradição, o Velho, com seus meios mais cruéis e repugnantes, pretende impedir o advento do Novo, qualquer que seja a forma e o período em que ele se manifeste. Tampouco necessitamos retraçar nossos passos até o passado, a fim de nos darmos conta da enorme oposição, dificuldades e adversidades postas no caminho de cada idéia progressista. A tortura, a tuerca[1]e o chicote permanecem conosco; assim como o traje do convicto e a ira social, tudo conspirando contra o espírito que vai marchando serenamente.

O anarquismo não pode ter a esperança de escapar do destino de todas as demais idéias inovadoras. Certamente, como o inovador mais firme e revolucionário, o Anarquismo necessariamente deve se deparar com a ignorância e veneno do mundo que pretende reconstruir.

Para lidar, ainda que de maneira sucinta, com tudo o que está sendo dito e feito contra o Anarquismo, seria necessário um livro inteiro. Portanto, discutirei somente duas das principais objeções. Ao assim fazer, tratarei de esclarecer o que verdadeiramente quer dizer Anarquismo.

O estranho fenômeno da oposição ao Anarquismo é o que traz à luz a relação entre a chamada inteligência e a ignorância. E isto não é tão estanho quando consideramos a relatividade de todas as coisas. A massa ignorante tem em seu favor a pretensão de não simular conhecimento ou tolerância. Atuando, como sempre faz, por puro impulso, suas razões são como as das crianças – "Por quê? Porque sim." Ainda assim a oposição que o não educado faz ao Anarquismo merece a mesma consideração que a do homem inteligente.

Quais são, então, as objeções? Primeiro, o Anarquismo não é praticável, ainda que seja um ideal bonito. Segundo, o Anarquismo equivale a violência e destruição, por isso deve ser refutado, por ser vil e perigoso. Tanto o homem inteligente como a massa ignorante julgam, não a partir de um conhecimento profundo, mas de rumores e falsas interpretações.

Um esquema prático, diz Oscar Wilde, é um que já tem existência ou que poderia ser levado a cabo sob as condições existentes; mas são exatamente essas as condições que o objeta e qualquer propósito que pudesse aceitá-las, necessariamente é incorreto e uma tolice. O verdadeiro critério do prático, portanto, não é se pode manter intacto o incorreto e o tolo; até certo ponto consiste em averiguar se o esquema tem a vitalidade suficiente para abandonar, deixar para trás, as águas estancadas do velho e edificar, na medida em que sustenta uma nova vida. À luz desta concepção, o Anarquismo é definitivamente prático. Mais que nenhuma outra idéia, ajudando a acabar com todo erro e tolice; mais que nenhuma outra idéia, está edificando e sustentando uma nova vida.

As emoções do homem ignorante se vêem continuamente apaziguadas pela história sangrenta do Anarquismo. Não há nada demasiadamente ofensivo para ser empregado contra esta filosofia e seus expoentes. Portanto, o Anarquismo representa pra o não pensante, o que o homem proverbial malvado é para uma criança – um monstro obscuro empenhado em engolir tudo; em poucas palavras, destruição e violência.

Destruição e violência! Como poderá saber o homem ordinário que o elemento mais violento da sociedade é a ignorância; que seu poder de destruição é justamente o que o Anarquismo está combatendo? Ele não está ciente de que as raízes do anarquismo são partes das forças naturais e destroem não as células saudáveis, mas o crescimento parasitário, que se nutre da mesma essência da vida social. Está meramente livrando o solo de erva-daninhas e arbustos para eventualmente produzir frutas saudáveis.

Alguém disse que se requer menos esforço mental para condenar, do que se requer para pensar. A indolência mental difundida mundialmente, tão prevalecente na sociedade, nos prova uma vez mais que este feito é muito acertado. Em vez de ir ao significado de qualquer idéia dada, para examinar sua origem e razão de ser, a maioria das pessoas a condenarão inteiramente, ou dependerão de definições de aspectos não essenciais e superficiais ou cheias de prejuízos.

O Anarquismo encoraja o homem a pensar, a investigar, a analisar cada proposição; mas para não pressionar a capacidade mental do leitor médio começarei com uma definição e então por último elaborarei.

ANARQUISMO: -a filosofia de uma nova ordem social baseada na liberdade sem restrição, feita da lei do homem; a teoria de que todos os governos descansam sobre a violência e, portanto, são equivocados e perigosos à medida que também são desnecessários.

A nova ordem social descansa, evidentemente, na base materialista da vida, mas enquanto todos os anarquistas concordam que o mal atual é um mal econômico, eles mantêm que a solução dessa maldade pode ser conseguida somente sob a consideração de cada fase da vida – individual, na medida em que também coletiva; interna, na medida em que também a fase externa.

Um exame minucioso da história do desenvolvimento humano descobrirá dois elementos em um amargo conflito, um contra o outro; elementos que só agora começam a ser entendidos, não como estranhos entre si, mas como estreitamente relacionados e verdadeiramente harmoniosos, se são colocados em ambientes próprios: os instintos individuais e os sociais. O indivíduo e a sociedade travaram por anos uma guerra implacável e sangrenta, cada um cobiçando a supremacia, porque ambos estavam cegos diante do valor e da importância do outro. Os instintos individuais e sociais – o primeiro, o fator mais poderoso para a iniciativa individual, seu crescimento, suas aspirações e auto-realização; o segundo, um fator igualmente importante para a ajuda mútua e o bem-estar social.

Não se está longe de encontrar a explicação para a tormenta atroz dentro do indivíduo, e entre este e seu meio. O homem primitivo, incapaz de entender seu ser, menos ainda a unidade de toda a vida, se sente absolutamente dependente de forças cegas e escondidas, sempre preparados para ridicularizar e provocar-lhe. Destas atitudes cresceram os conceitos religiosos do homem como uma mera partícula de pó, dependente dos poderes supremos e elevados que só podem ser satisfeitos através da submissão à sua vontade.

Todas as sagas precoces sobre esta idéia, que continuam sendo o Leitmotiv das histórias bíblicas que lidam com a relação do homem com Deus, com o Estado e a sociedade. Outra vez o mesmo motivo, os homens são nada, os poderes são tudo. Então, Jeová somente tolerará o homem que manifeste a condição de entrega completa. O homem pode ter todas as glórias da terra, mas não poderá ser consciente de si mesmo. O Estado, a sociedade e as leis morais, todas cantam o mesmo refrão: o homem pode ter todas as glórias da terra, mas não poderá ser consciente de si mesmo.

O Anarquismo é a única filosofia que devolve ao homem a consciência de si mesmo, a qual mantém que Deus, o Estado e a sociedade não existem, que suas promessas são vazias e inválidas, já que podem ser efetivadas somente através da subordinação do homem.

O Anarquismo, portanto, é o maestro da unidade da vida, não meramente na natureza, mas também no homem. Não há conflito entre os instintos sociais e individuais, não mais do que existem entre o coração e os pulmões: o primeiro é o receptáculo da essência preciosa da vida, o outro é o armazém do elemento que mantém a essência pura e forte. O individual é o coração da sociedade, conservando a essência da vida social; a sociedade é o pulmão que está distribuindo o elemento para manter a essência da vida – ou seja, o indivíduo – puro e forte.

"A única coisa de valor no mundo," disse Emerson, "é a alma ativa, a qual todo homem tem dentro de si. A alma ativa vê a verdade absoluta, a proclama e a cria."[2] Em outras palavras, o instinto individual é a coisa de valor do mundo. É a alma verdadeira que visualiza e cria a verdade viva, da qual sairá uma verdade maior, a alma social renascida.

O Anarquismo é o grande libertador do homem dos fantasmas que deteve-lhes preso; é o árbitro e o pacificador das duas forças para a harmonia individual e social. Para conseguir esta unidade o Anarquismo declarou guerra às influências perniciosas, as quais, até agora impediram a harmoniosa unidade dos instintos individuais e sociais, do indivíduo e da sociedade.

Religião, a dominação da mente humana; Propriedade, a dominação das necessidades humanas; Governo, a dominação da conduta humana, representa o baluarte da escravidão do homem e dos horrores que lhe exige. Religião! Como domina a mente do homem, como humilha e degrada a alma dele. Deus é o todo, o homem não é nada, diz a religião. Mas, desse nada, Deus cria um reino tão déspota, tirano, cruel, terrível, que nada que não seja desastre, lágrimas e sangue reinam no mundo desde que os Deuses surgiram. o Anarquismo impele o homem a se rebelar contra esse monstro obscuro.

Quebre seus grilhões mentais – fala o Anarquismo ao homem – pois não vai ser livre até que pense e julgue por si mesmo, e deixará o domínio da escuridão, o maior obstáculo para todo o progresso.

Propriedade, a dominação das necessidades do homem, a negação do direito de satisfazer suas necessidades. O tempo nasceu quando a propriedade reclamou seu direito divino, quando veio para o homem com o mesmo refrão, igual o da religião, "sacrificate! abnega-te! entrega-te!". O espírito do Anarquismo elevou o homem de sua posição humilhada. Agora ele está de pé, com a face voltada a luz. Aprendeu a ver a insaciável, devoradora e devastadora natureza da propriedade e está preparando-se pra dar o golpe fatal neste monstro.

"A propriedade privada é um roubo", disse o grande anarquista francês Proudhon. Sim, mas sem risco e perigo para o ladrão. Monopolizando os esforços acumulados pelo homem, a propriedade lhe retirou de seu direito de nascimento transformando-lhe em um indigente e um pária. A propriedade nem sequer colocou a desculpa tão gasta de que o homem não crê o suficiente para satisfazer suas necessidades. Apenas aprendendo o ABC da economia, os estudantes já sabem que a produtividade do trabalho durante as últimas décadas excede em muito a demanda normal. Mas o que são demandas normais para uma instituição anormal? A única demanda que a propriedade reconhece é seu próprio apetite guloso para maior riqueza, porque riqueza significa poder; o poder de submeter, oprimir, explorar, o poder de escravizar, de ultrajar e degradar. A América se mostra orgulhosa de seu grande poder, sua enorme riqueza nacional. Pobre América, de que vale toda riqueza se os indivíduos que a compõem são miseravelmente pobres? Vivendo na podridão, na sujeira e no crime; perdida a esperança e alegria, perambula um exército exilado de presas humanas deabrigadas.

Geralmente se considera, que ao menos que as ganâncias de qualquer negócio excedam seu custo, a falência é inevitável. Mas aqueles comprometidos no negócio de produzir riqueza não aprenderam nem esta simples lição. Cada ano o custo da produção na vida humana está crescendo mais (50.000 assassinados, 100.000 feridos na América no ano passado); os retornos para as massas, que ajudam a criar a riqueza, estão se reduzindo ainda mais. A América ainda continua cega sobre a falência inevitável de nosso negócio de produção. Nem é este o último e único crime. Por enquanto o mais fatal dos crimes é o de converter o produtor em uma mera engrenagem de uma máquina, com menos desejo e decisão do que seu mestre de aço e ferro. Do homem está sendo roubado não apenas o produto de seu trabalho, como também o poder de livre iniciativa, de originalidade e o interesse ou desejo pelas coisas que estão fazendo.

A verdadeira riqueza consiste em objetos de utilidade e beleza, em coisas que ajudem a criar corpos fortes e preciosos, e meios estimulantes de vida. Mas se o homem está condenado a enrolar algodão ao redor do parafuso ou cavar carvão, ou construir estradas durante trinta anos da sua vida, não há de se falar em riqueza. O que dá ao mundo são coisas horríveis e sujas, reflexo de sua existência maçante e terrível – muito débil para viver e muito covarde para morrer.

É estranho dizer, há muitas pessoas que exaltam o método mortal da produção centralizada como a realização de maior orgulho da nossa era. Eles falham absolutamente ao imaginar que se continuarmos na docilidade mecânica, nossa escravidão será mais completa do que foi nossa servidão ao Rei. Eles não querem saber, a centralização não é apenas a morte da liberdade, mas também da saúde e da beleza, da arte e da ciência, todas estas sendo impossíveis em uma atmosfera mecânica parecida a um relógio.

O Anarquismo não pode outra coisa senão repudiar tal método de produção: sua meta é a expressão mais livre possível de todos as poderosas latências do indivíduo. Oscar Wilde define uma personalidade perfeita como sendo "uma que se desenvolve em condições perfeitas; aquela que não está ferida, mutilada, ou em perigo." Uma personalidade perfeita só é possível em um estado de sociedade onde o homem seja livre para escolher o modo de trabalho, as condições de trabalho e tenha a liberdade para trabalhar. Para quem a fabricação de uma mesa, a construção de uma casa ou a preparação da terra é como a pintura para um artista e a descoberta para um cientista – o resultado de inspiração, de intenso desejo e um interesse profundo no trabalho como uma força criativa. Sendo esse o ideal do Anarquismo, a organização econômica deve consistir na produção voluntária e associações distributivas, gradualmente desenvolvendo-se em comunismo livre, como o melhor meio de produção, com o mínimo gasto de energia humana. O Anarquismo, todavia, também reconhece o direito do indivíduo, ou números de indivíduos, para arrumar todo o tempo para outras formas de trabalho, em harmonia com seus gostos e desejos.

Tal exibição livre da energia humana é possível somente sob a liberdade completa, individual e social.

O Anarquismo dirige suas forças contra o terceiro e maior inimigo de toda equidade social, a saber, o Estado, a autoridade organizada ou lei estatuária — a dominação da conduta humana.

Igual a religião que acorrentou a mente humana e a propriedade, o monopólio das coisas, que reprimiu e sufocou as necessidades humanas, o Estado escravizou seu espírito, ditando cada fase da conduta. "Todo governo em essência," diz Emerson, "é tirania." Não importa se é um governo por direito divino ou regra da maioria. Em toda instância sua meta é a subordinação absoluta do indivíduo.

Referindo-se ao governo Norte-americano, o grande anarquista americano David Thoreau, disse: "O governo, que é senão tradição, ainda que recente, tentando-se transmitir intacto à posteridade, mas a cada instante perdendo sua integridade; este não tem a força nem a vitalidade de um simples homem vivente. A lei nunca fez os homens sequer um pouco mais justos e por seu meio de respeito para esta, até os bem dispostos são diariamente convertidos em agentes da injustiça."

De fato a idéia central do governo é a injustiça. Com a arrogância e auto-suficiência do Rei, que não podia fazer errar, os governos ordenam, julgam, condenam e castigam as ofensas mais insignificantes, enquanto se mantém pela maior de todas ofensas: a aniquilação da liberdade individual. Assim Ouida[3] está certa quando ela diz que "o Estado só busca, ainda assim, inculcar aquelas qualidades necessárias no público, pelas quais suas demandas sejam obedecidas e seus cofres se encontrem cheios. Sua conquista máxima é a redução da humanidade a um relógio. Em sua atmosfera todas essas liberdades finas e muito delicadas, que requerem tratamento e uma expansão espaçosa, inevitavelmente se secam e morrem. O estado requer uma máquina de pagar impostos que não tenha empecilhos, um cofre que nunca tenha déficit; um público monótono, obediente, sem cor, sem espírito, movendo-se humildemente, como um rebanho de ovelhas junto em um caminho alto e reto entre duas paredes."

Mas até um rebanho de ovelhas resistirá à sofisma do Estado, se não fosse pelos métodos opressivos, tirânicos e corruptos empregados para servir de seus propósitos. Portanto Bakunin repudia o Estado, o vê como sinônimo de entrega da liberdade individual ou das pequenas minorias — destruição da relação social, restrição ou até completa negação da própria vida, para seu engrandecimento. O Estado é o altar da liberdade política e, como o altar religioso, é mantido para o propósito do sacrifício humano.

De fato, quase não há nenhum pensador moderno que não concorde que o governo, a autoridade organizada ou o Estado, são unicamente necessários para manter ou proteger a propriedade e o monopólio. Só se mostram eficientes para esta função.

Até George Bernad Shaw[4], que tem esperanças de um milagre do Estado sob o Fabianismo[5], porém admitindo que "este é, no presente, uma imensa máquina de roubar e escravizar o pobre com a força bruta." Sendo este o caso é difícil entender porque o inteligente introdutor deseja manter o Estado depois que a pobreza cesse de existir.

Desafortunadamente, ainda há um número de pessoas que continuam com a crença fatal de que o governo descansa sobre leis naturais, que estas mantêm a ordem social e a harmonia, que diminuem o crime e que previnem que o homem preguiçoso engane seu semelhante. Portanto examinarei estas alegações.

Uma lei natural é aquela pela qual o homem afirma a si mesmo livremente e espontaneamente, sem nenhuma força externa, em harmonia com os requisitos da natureza. Por exemplo, a demanda por nutrição, satisfação sexual, luz, ar e exercício são uma lei natural. Mas a sua expressão não necessita da maquinaria do governo, nem do cassetete, da pistola, das algemas ou da prisão. Obedecer tais leis, se é que podemos chamar de obediência, requer somente espontaneidade e livre oportunidade. Que os governos não se mantêm através de tais fatores harmoniosos, é provado com as terríveis demonstrações de violência, força e coerção que usam todos os governos para poder viver. Portanto, Blackstone está correto quando diz "As leis humanas são inválidas, porque estas são contrárias a lei da natureza."

A menos que seja a ordem de Varsóvia depois da matança de milhões de pessoas, é difícil atribuir aos governos a capacidade para a ordem ou a harmonia social. A ordem derivada da submissão e mantida com terror não garante muita segurança; ainda que essa seja a única "ordem" que os governos mantêm. A verdadeira harmonia social cresce naturalmente da solidariedade de interesses. Em uma sociedade onde os que sempre trabalham nunca tiveram nada, enquanto os que não trabalham desfrutam de tudo, a solidariedade de interesses não existe, portanto a harmonia social é mais um mito. A única maneira de a autoridade organizada enfrentar esta situação grave é estendendo os privilégios dos que já monopolizaram a terra, escravizando ainda mais as massas deserdadas. Assim todo o arsenal do governo — leis, polícia, soldados, as cortes, legislaturas, prisões — é energicamente engajado na "harmonização" dos elementos mais antagônicos da sociedade.

A desculpa mais absurda para a autoridade e a lei é que elas servem para diminuir o crime. À parte do fato que o Estado é em si mesmo o maior criminoso, rompendo toda lei escrita e natural, roubando na forma de impostos, assassinando na forma de guerra e pena capital, ele se encontra completamente estagnado em sua abordagem contra o crime.

Falhou totalmente em destruir ou mesmo minimizar o terrível flagelo de sua criação. O crime não é nada mais que energia mal dirigida.

Enquanto toda instituição de hoje, econômica, política, social e moral, conspira para dirigir erradamente a energia humana por canais equivocados; enquanto a maioria das pessoas estão fora de lugar, fazendo as coisas que odeiam fazer, vivendo uma vida que detestam viver, o crime será inevitável e todas as leis nos estatutos somente podem aumentar, mas nunca terminar com o crime.

O que sabe a sociedade, como a que existe hoje, do processo de desespero, da pobreza, dos horrores, da pusilânime luta que passa a alma humana em seu caminho até o crime e a degradação. Quem conhece este processo terrível não pode deixar de ver a verdade nestas palavras de Piotr Kropotkin:

"Esses que calcularão o balanço entre os benefícios atribuídos a lei e ao castigo e o efeito degradante destes sobre a humanidade; que estimarão a torrente de maldade derramada sobre a sociedade humana pelo informante, favorecido até pelo Juiz e pago em moeda-ressonante por governos, sob o pretexto de ajudar a desmascarar o crime; esses que irão para dentro das paredes da prisão e ali verão no que se converteram os seres humanos quando privados de sua liberdade, quando são sujeitos ao cuidado de guardas brutais, com grosserias, com palavras cruéis, enfrentando-se milhões de humilhações pungentes e agudas, concordarão com nós que o aparato inteiro da prisão e seu castigo é uma abominação que deve terminar."

A influência dissuasiva da lei sobre o homem ocioso é demasiadamente absurda para merecer alguma consideração. Somente em liberar a sociedade do gasto e dos desperdícios que causa manter uma classe ociosa e do igualmente gasto grande da parafernália de proteção que esta classe de ociosos requer, na sociedade existiria abundância para todos, inclusive até para o indivíduo ocioso ocasional. Além disso, é bom considerar que a ociosidade é resultado dos privilégios especiais ou das anormalidades físicas e mentais. Nosso presente insano sistema de produção patrocina a ambos e o fenômeno mais surpreendente é que as pessoas desejem trabalhar, ainda agora. O Anarquismo visa despir o trabalho de seu aspecto estéril e tedioso, de sua tristeza e compulsão. Tenta fazer do trabalho um instrumento de alegria, de força, de cor, de harmonia real, para que ainda o mais pobre dos homens possa encontrar no trabalho recreação e esperança.

Para realizar tal arranjo da vida, o governo, com suas medidas injustas, arbitrárias e repressivas, deve ser eliminado. O melhor que faz é impor um só modo de vida em tudo, sem respeitar as variações individuais e sociais, além de suas necessidades. Destruindo o governo e as leis estatuídas, o Anarquismo propõe resgatar o respeito próprio e a independência do indivíduo de toda a proibição e invasão pela autoridade. Só em liberdade o homem pode cultivar sua completa auto-realização. Somente em liberdade aprenderá a pensar, a se mover e a dar o melhor de si. Só em liberdade realizará a verdadeira força dos laços sociais que atam os homens entre si e que são a verdadeira base de uma vida social normal.

Mas, o que é a natureza humana? Pode ser mudada? E se não, resistirá sob o Anarquismo?

Pobre natureza humana, que crimes horríveis cometeram em teu nome! Todo besta, desde o rei até a polícia, desde a pessoa mais cabeça fechada até o ignorante sem visão da ciência, presume falar com autoridade da natureza humana. Quanto maior for o charlatão mental, mais definitiva será sua insistência na perversidade e debilidade da natureza humana. Mas como pode qualquer um falar disso hoje, com tantas almas na prisão, com cada coração acorrentado, ofendido e mutilado?

John Burroughs[6] declarou que o estudo experimental de animais em cativeiro é absolutamente inútil. Seu caráter, seus hábitos e seus apetites são submetidos a uma transformação completa quando são arrancados de seu solo no campo e no bosque. Com a natureza humana enjaulada em um estreito espaço, chicoteada diariamente até a submissão, como podemos falar de suas potencialidades?

A liberdade, a expansão, a oportunidade e, sobretudo a paz e o repouso, podem ensinar-nos os fatores dominantes e reais da natureza humana e todas suas magníficas possibilidades.

O Anarquismo, então, realmente favorece a liberação da mente humana da dominação da religião, a liberação do corpo humano da dominação da propriedade, a liberação das cadeias e proibições do governo. O Anarquismo significa uma ordem social baseada no agrupamento livre dos indivíduos, com o propósito de produzir a verdadeira riqueza social, uma ordem que garantirá a todo ser humano acesso livre a terra e ao gozo completo das necessidades da vida, de acordo com os desejos individuais, gostos e inclinações.

Isto não é uma ideia selvagem ou uma aberração da mente. É uma conclusão em que chegaram grandes homens e mulheres inteligentes de todo o mundo, uma conclusão resultante da observação íntima e estudiosa das tendências da sociedade moderna; liberdade individual e equidade econômica, as forças gêmeas para o nascimento do que é bom e verdadeiro no homem.

Quanto aos métodos. O Anarquismo não é, como muitos podem supor, uma teoria do futuro a ser alcançado através da inspiração divina. É uma força viva nos assuntos de nossa vida, constantemente criando novas condições. Os métodos do Anarquismo portanto não compreendem um programa vestido de ferro para se levar a cabo sob qualquer circunstância. Os métodos devem sair das necessidades econômicas de cada lugar, clima, requisitos intelectuais e temperamentais do indivíduo.

O caráter calmo e sereno de Tolstoi desejarão diferentes métodos para a reconstrução social, que a intensa e transbordante personalidade de Mikhail Bakunin ou Piotr Kropotkin. Da mesma forma deve ser óbvio que as necessidades econômicas e políticas da Rússia prescreveram medidas mais drásticas que as da Inglaterra ou América. O Anarquismo não significa exercícios militares e uniformidade; entretanto significa o espírito da revolta, em qualquer forma, contra tudo o que impeça o crescimento humano. Todos os Anarquistas concordam com isso, da mesma forma em que estão de acordo em sua oposição à maquinaria política como um meio de causar a grande transformação social.

"Toda votação", disse Thoreau, "é um jogo de sorte, semelhante a damas ou gamão, o jogo com o bem e o mal, sua obrigação nunca excede sua conveniência. Mesmo votando para o correto é fazer nada por isto. Um homem sábio não deixará o que é certo nas mãos incertas do acaso e nem esperará que a sua vitória se dê através da força da maioria." Um exame íntimo acerca da maquinaria da política e suas realizações nos levarão à lógica de Thoreau.

O que demonstra a história do parlamentarismo? Nada mais que fracasso e derrota, nem mesmo uma única reforma para melhorar a tensão econômica e social das pessoas.

Aprovaram-se leis e fizeram-se estatuto para o melhoramento e proteção do trabalho. Assim sendo, observou-se em Illinois, no ano passado, com as leis mais rígidas para a proteção mineira, os maiores desastres mineiros. Em estados onde as leis de trabalho das crianças prevalecem, a exploração infantil está em níveis altíssimos, e, embora os trabalhadores desfrutem de oportunidade políticas completas, o capitalismo chegou a seu momento de maior insolência.

Mesmo se os trabalhadores pudessem ter seus próprios representantes, que é o que nossos bons políticos socialistas estão clamando, que chances há para sua honestidade e boa fé? Tem mais que se ter em mente o processo da política, para dar-se conta de que seu caminho de boas intenções está repleto de armadilhas: maquinações secretas, intrigas, adulações, mentiras e trapaças; de fato, mentiras de todas as descrições, pelo qual o aspirante político pode conseguir o êxito. Incorporado a isto está a desmoralização completa do caráter e das convicções, até que não reste nada, fazendo com que qualquer humano desamparado tenha esperança. De tempo em tempo as pessoas ficam suficientemente tontas para confiar, crer e apoiar até o seu último centavo, os aspirantes políticos, para ver-se ao final, traídas e enganadas.

Pode-se dizer que os homens íntegros não se converteriam em corruptos, em moinho opressivo político. Talvez não, mas como homens seriam absolutamente impotentes para exercer a mais ínfima influência em nome do trabalho, como de fato foi demonstrado em numerosos exemplos. O estado é o mestre econômico de seus servidores. Os bons homens, se tais existirem, ou permaneceriam fieis a sua fé política e perderiam seu suporte econômico, ou se agarrariam a seus mestres econômicos e seriam completamente incapazes de fazer o menor bem. A arena política não deixa uma alternativa, deve ser um burro ou trapaceiro.

A superstição política ainda domina os corações e as mentes das massas, mas os verdadeiros amantes da liberdade não têm nada a ver com isto. Ao contrário, eles crêem, como Stirner, que o homem tem tanta liberdade tanto quanto ele está disposto a tomar. O Anarquismo, portanto, defende a ação direta, o desafio aberto e a resistência frente a todas as leis e restrições econômicas, sociais e morais. Mas o desafio e a resistência são ilegais. Nisto descansa a salvação do homem. Tudo ilegal necessita de integridade, segurança própria e coragem. Busca por espíritos livres e independentes, por "homens que são homens e que tem um osso em suas costas, o qual não pode se atravessar com as mãos."

O sufrágio universal deve a sua existência à ação direta. Se fosse não pelo espírito de rebelião, de desafio por parte dos pais revolucionários americanos, seus descendentes ainda estariam sob o abrigo do Rei. Se não fosse pela ação direta de um Juan Brown e seus camaradas, a América estaria comercializando a carne do homem negro. Certo, o comércio da pele branca ainda é atual, mas esse, também, terá que ser abolido pela ação direta. O sindicalismo, a arena econômica do moderno gladiador, deve sua existência à ação direta. Mas até recentemente essa lei e governo trataram de oprimir o movimento sindical e condenaram à prisão, como conspiradores, os expoentes do direito do homem a organizar-se. Se eles tivessem procurado lograr suas causas rogando, suplicando e pactuando, os sindicatos hoje seriam quantitativamente insignificantes. Na França, Espanha, Itália, Rússia, até a Inglaterra (testemunha da crescente rebelião das uniões laborais Inglesas), a ação direta, revolucionária, econômica torna-se uma força tão poderosa na luta pela liberdade industrial que conseguiu fazer com que o mundo desse conta da tremenda importância do poder do trabalho. A greve geral, a expressão suprema da consciência econômica dos trabalhadores foi ridicularizada na América, faz pouco tempo. Hoje toda grande greve, a fim de ganhar, deve dar-se conta da importância do protesto solidário geral.

A ação direta, havendo provado sua efetividade junto às linhas econômicas, é igualmente poderosa no ambiente individual. Ali centenas de forças avançam sobre seu ser e só a resistência persistente frente a elas o libertará, finalmente. A ação direta contra a autoridade no local de trabalho, ação direta contra a autoridade da lei, ação direta contra a autoridade impertinente e invasiva do nosso código moral, é o método lógico e consistente do Anarquismo.

Nos conduzirá a uma revolução? De fato, o fará. Nenhuma mudança social veio sem uma revolução. As pessoas estão ou não familiarizadas com sua história, ou ainda elas não aprenderam que a revolução é o pensamento levado à ação.

O Anarquismo, a grande fermentação do pensamento, está hoje imbricado em cada uma das fases do esforço humano. A ciência, a arte, a literatura, o drama, o esforço para a melhoria econômica, de fato, toda oposição individual e social existindo em desordem com as coisas, é iluminada pela luz espiritual do Anarquismo. É a filosofia da soberania do indivíduo. É a teoria da harmonia social. É o grande renascimento da viva verdade que está reconstruindo o mundo e nos anunciará ao amanhecer.

----

[1] Instrumento de tortura para apertar polegares.

[2] Ralph Waldo Emerson (25 de maio de 1803, Boston – 27 de abril de 1882, Concord, Massachusetts) foi um famoso escritor, filósofo e poeta estado-unidense.

[3] Pseudônimo utilizado pela escritora americana Maria Louisa de La Ramée.

[4] "George Bernard Shaw (Dublin, 26 de julho de 1856 — Ayot Saint Lawrence, 2 de novembro de 1950) foi um escritor, jornalista e dramaturgo irlandês, autor de comédias satíricas que o tornaram espírito irreverente e inconformista."

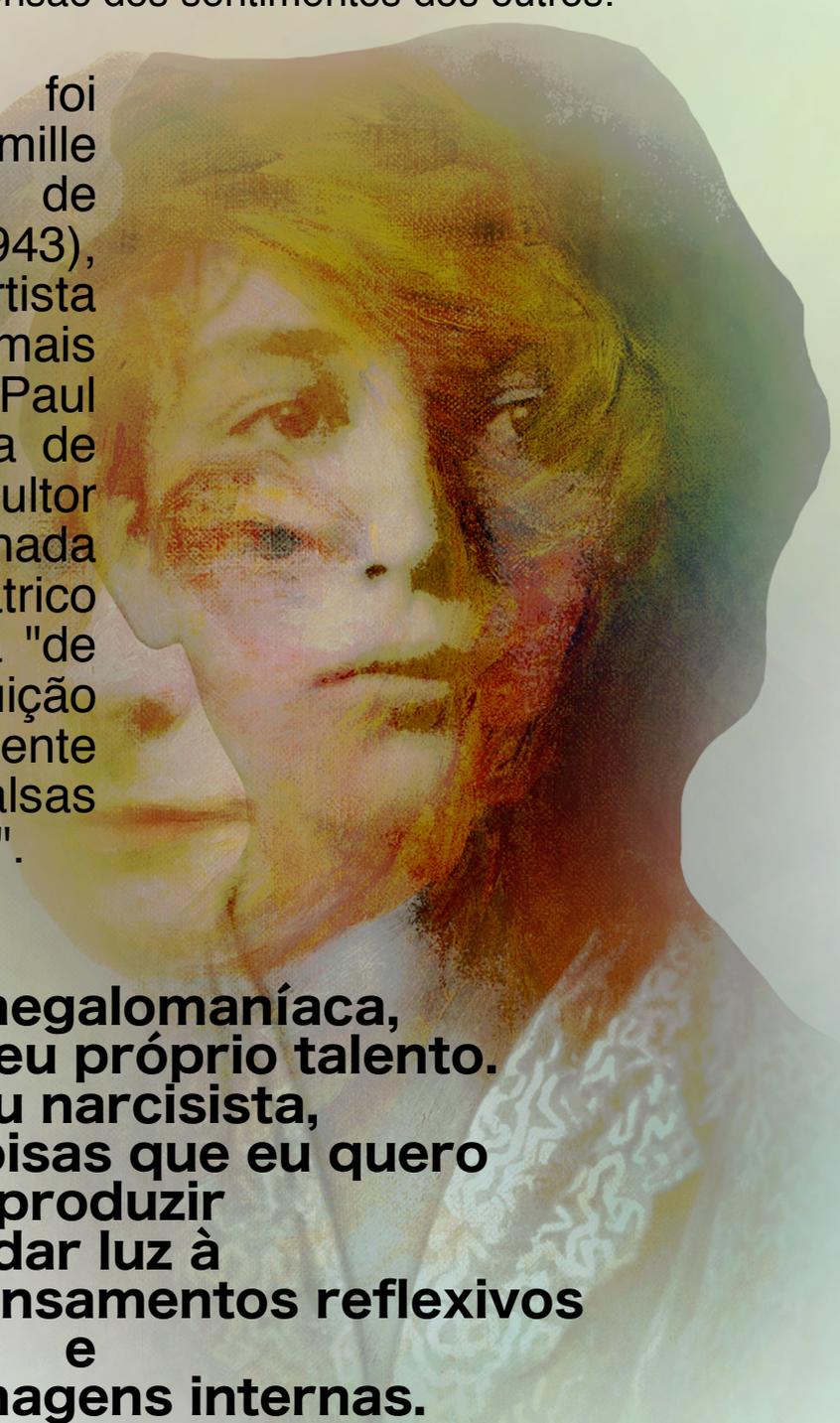
[5] "O Fabianismo é uma doutrina e um movimento político-ideológico socialista democrático, reformista e não-marxista, de concepção inglesa. Teve origem na Fabian Society fundada em Londres no final de 1883 e início de 1884 por um grupo de jovens intelectuais de diferentes linhas socialistas, com o propósito de reconstruir a sociedade com o mais elevado ideal moral possível."

[6] John Burroughs (April 3, 1837-March 29, 1921) foi um naturalista e ensaísta americano importante na evolução do the U.S. conservation movement.

GOLDMAN, Emma.
Anarquismo: lo que significa realmente.
Traidores: Espacio Comunitario y
Libreria Anarquista Emma Goldman,
[Santiago]. Disponível em: www.traidores.org
Acesso em: 21 de nov. 2009.

AINDA MEGALOMANIACA?

Megalomania
- um termo antigo para NPD (distúrbio de personalidade narcisista) que está associado ao padrão de comportamento anormal caracterizado por sentimentos exagerados de auto-importância, uma necessidade excessiva de admiração e uma falta de compreensão dos sentimentos dos outros.

Uma série de pinturas foi inspirada na história de Camille Claudel (8 de dezembro de 1864 - 19 de outubro de 1943), uma escultora francesa e artista gráfica. Ela era a irmã mais velha do poeta e diplomata Paul Claudel, e amante e colega de trabalho do conhecido escultor Auguste Rodin. Ela foi internada em um hospital psiquiátrico porque supostamente sofria "de um delírio de perseguição sistemático principalmente baseado em falsas interpretações e imaginação".
Ela morreu na obscuridade.

Eu sou megalomaníaca,
cega pelo meu próprio talento.
Eu sou narcisista,
as únicas coisas que eu quero
reproduzir
e dar luz à
são os meus pensamentos reflexivos
e
minhas imagens internas.

A história de Camille viaja ao longo do tempo, o fantasma dela continua. Eu não preciso mais de sabotagem externa, eu dominei a auto-sabotagem. Todos os dias descubro outra maneira de me tornar menor. Todos os dias eu descubro outra maneira de voltar ao tamanho que eu mereço ser.

Tanto quanto eu sou a Arquiteta, eu sou a única a **desconstruir**.
E de minhas próprias cinzas, eu **reconstruo**.

A IMPORTÂNCIA DA DEFESA PESSOAL PARA MULHERES

A violência contra as mulheres é um ato recorrente dentro da estrutura patriarcal na qual são fincadas as relações de gênero no seio sociedade capitalista. Os dados estatísticos e a vivência cotidiana não deixam dúvidas quanto às agressões verbais, psicológicas, emocionais e físicas das quais as mulheres enfrentam durante toda a sua vida e com muita força resistem o quanto podem para não tombar.

Às mulheres, cabe mecanismos de proteção, segurança e representação que não são contemplados nos aparatos do Estado, nem na repressão policial. As mulheres precisam de mecanismos que estejam em todos os momentos a seu lado no combate às violências, tanto nos espaços privados, quanto no espaço público. Sendo assim, nada melhor do que as próprias mulheres produzirem e serem esses mecanismos de defesa, esse sistema de autoproteção, a força motriz para o combate às agressões que sofrem todos os dias.

Pensando nisso, nós, mulheres da Coordenação Anarquista Brasileira, DEFENDEMOS E BUSCAMOS O PROTAGONISMO DAS MULHERES EM SUA AUTODEFESA, e trazemos aqui alguns pontos para contribuir no debate e prática da defesa pessoal para as mesmas no Brasil.

Primeiramente queremos destacar que muitos discursos e falas trazem a mulher, vítima do ato de violência, como culpada ou facilitadora da própria agressão que sofre. Alegando motivos nas roupas usadas pelas mesmas, na restrição de horários para estar só na rua, na falta de obediência ao marido ou pai, entre outras justificativas baseadas não no senso de igualdade, mas no machismo que coloca a mulher como objeto pertencente ao homem, que pode a violentar caso seja de seu agrado. Essas justificativas causam uma violência dupla às mulheres, uma vez pelo ato e outra vez pela culpa que carregam ao sofrer a agressão, sentindo-se envergonhadas, responsáveis, frágeis e incapazes de se proteger.

É POR ESSA DUPLA AGRESSÃO QUE A DEFESA PESSOAL SE TORNA TÃO IMPORTANTE. Antes mesmo de praticar qualquer tipo de luta e aprender golpes, as mulheres precisam passar por um processo de autoconhecimento, autoconfiança e se enxergar como pessoas que merecem ser respeitadas e merecem ter suas vontades respeitadas também. É de suma importância se apoderar de seu próprio corpo, conhecer o que seu corpo é capaz de proporcionar e como pode se defender. Nós mulheres, somos condicionadas a não termos intimidade com nossos corpos, o feminino é um tabu em várias dimensões e é preciso quebrar essa barreira, para que sejamos todas empoderadas e conscientes sobre o que queremos e como vamos conquistar esses quereres.

Mas esse autoconhecimento e autoconfiança virá de um dia para o outro? São coisas aprendidas com facilidade e apenas ouvindo uma palestra ou participando de uma oficina de defesa pessoal? Não!

Esse é um processo lento e constante. A educação que forma os gêneros, desde os primeiros anos de vida de qualquer pessoa, é de uma violência simbólica sem precedentes, e tão disciplinadora de nossos corpos e mentes que torna esse processo muito mais difícil. É importante nessa caminhada ter uma rede de apoio ENTRE AS MULHERES enquanto amigas e companheiras, como também PARA AS MULHERES, nos âmbitos jurídico e financeiro, juntamente com a saúde física e psicológica.

Entretanto, todos esses fatores não serão suficientes sem que haja a iniciativa dessa mulher em percorrer o caminho em direção ao autoconhecimento e autoconfiança. É necessário que as mulheres avancem rumo à sua autonomia e autogestão, de seus corpos e vidas!

ESTAREMOS UNIDAS NESSA CAMINHADA!

O Wendo é uma junção de várias artes marciais, voltado para defesa pessoal, surgiu no Canadá, na década de 1970. O "wen" é a abreviação da palavra woman (mulher em inglês) e "do" significa "caminho" em japonês. Apresenta-se como uma defesa pessoal para mulheres ou autodefesa feminista, o que o difere da simples defesa pessoal, por não estar resumido na defesa física, tendo todo um trabalho direcionado para a violência de gênero, seja ela física, psicológica, verbal, emocional, entre outros. Com sua prática no Brasil, a pauta da defesa pessoal tornou-se muito lembrada e buscada nos movimentos feministas.

Essa procura por técnicas específicas de defesa pessoal para mulheres nos leva a acentuar um ponto importante do diferencial dessas técnicas: a ideia de defesa pessoal. Essas práticas de autoproteção não estão apenas na aprendizagem de golpes e contragolpes, que condizem com o aspecto físico da defesa, mas também buscam contribuir para questões que dizem respeito à autoestima, segurança em si mesma e saúde mental para encarar o machismo de frente e com coragem. Por conta disso, não é simplesmente treinar o corpo para reagir à uma agressão, mas treinar também a mente, para se sentir bem consigo mesma e capaz de se defender.

Por isso, a defesa pessoal deve ser reivindicada para toda e qualquer mulher! Espalhe isso para todas, o autoconhecimento, autoestima e autoconfiança não pode ser de poucas, não devemos deter o empoderamento feminino. É fundamental que essa aprendizagem chegue em todos os lugares, principalmente para as mulheres mais suscetíveis a sofrerem violência, principalmente para as mulheres que hoje, e talvez nesse exato momento, apanham ou são ameaçadas por um machista e agressor. A confiança em seu corpo e em si deve ser um direito de todas, esse é o primeiro passo para a luta da transformação social e destruição do patriarcado!

E por falar em mulheres mais suscetíveis a sofrerem violência, é importante termos esse ponto como central ao propor oficinas de defesa pessoal pelo Brasil a fora. Muitas vezes, essas atividades são pagas, com altos preços e focam na camada mais rica da sociedade, a elite ou classe média branca, ficando inacessível a mulheres pretas, pobres da periferia, que geralmente não tomam conhecimento da existência de tais atividades.

Se somos anarquistas e buscamos o fim das desigualdades sociais, e ainda mais, se somos feministas e buscamos a libertação das mulheres e igualdade dos gêneros, DEVEMOS PRIORIZAR AS COMPANHEIRAS E GUERREIRAS QUE CONVIVEM COTIDIANAMENTE COM A VIOLÊNCIA, DEVEMOS PAUTAR UMA AUTODEFESA QUE PENSE DE FORMA INTERSECCIONAL GÊNERO, RAÇA E CLASSE. É incontestável que as mulheres negras, pobres, periféricas, trans, donas de casa, lésbicas, prostitutas, presidiárias e ex-presidiárias sofrem mais com agressão. Portanto, embora não nos recusemos a colaborar com as companheiras que não são constituídas por esses marcadores sociais, devemos buscar apoiar essas mulheres que necessitam de mecanismos para se auto protegerem com urgência, como mostram os índices de violência contra as mesmas.

A autodefesa não é um projeto para o acirramento dos conflitos nas relações de gênero, nem é um programa de combate e extermínio aos homens, como muitos machistas podem dizer por aí. Antes de qualquer agressão, é essencial a busca da comunicação não violenta, que diversas vezes contribui para um diálogo pacífico e resoluções de problemas. Entretanto, quando essa comunicação não funciona, a única resposta à violência deve ser a contra violência, e as mulheres devem estar prontas para rebater com esse contra poder.

É HORA DAS MULHERES REAGIREM,
É HORA DE MOSTRARMOS QUE NÃO SOMOS OBJETOS FRÁGEIS E NÃO ESTAMOS DE BRINCADEIRA!

POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA DE GÊNERO!

MACHISTAS NÃO PASSARÃO!

GT de Gênero da Coordenação Anarquista Brasileira

OUTUBRO EM CATALUNHA

Uma perspectiva anarco-feminista

Como basca, libertária e feminista que viveu em Barcelona, sigo de longe o que está acontecendo em Catalunha (vídeos de repressão policial, milhares de artigos e reportagens, lendo e ouvindo como amigos lidaram com a situação) e a mistura de sensações e contradições é um "siroco".

Emocional e orgulhosa de ver tantas pessoas de diferentes ideologias de resistência, colocando seus corpos e coragem frente à repressão. Respirar [de ar fresco] para saber mais uma vez que, de vez em quando, para várias causas sociais e em territórios espalhados, ocorre a exceção da revolta. Sabendo que é possível dar um sentido para continuar. Esperançosa, para ver uma lacuna real abrir-se na invenção imperialista e fascista que é a Espanha: chegou a hora de abrir essa lacuna.

Ódio contra a repressão violenta e impugnada e cada vez mais clareza sobre como a ordem estabelecida é mantida. Se os membros do status quo forem colocados em cheque, se o poder perder sua hegemonia, ele exerce força / violência bruta. Isso tem acontecido em Euskal Herria (Pais Basco) há séculos, os migrantes sobreviveram diariamente, os combatentes anarquistas nas acusações da polícia e quem mais questionou o sistema cis-hetero normativo. Se você desobedecer, pagará. Desde sempre e até que tudo exploda. Não venha nos contar histórias.

Incredulidade e muita indignação com a brutalidade da polícia nacional, sim, mas a mesma incredulidade e indignação que alguns policiais (hoje são os Mossos) é, por uma ação puramente circunstancial, como um salvador do povo ou defensor da liberdade de decidir. Uma exceção é suficiente para aqueles que estão com pressa para apagar a memória do que é a norma, uma regra em que muitas vezes nos acusaram e nos cegaram. Para alguém que se surpreende ao dizer que ele nunca viu algo assim: nunca se colocou na frente disso. Também influencia que os outros vídeos não chegaram às redes, já que nós tínhamos quatro e o tambor.

Desconfiança e muitas dúvidas sobre como pretende materializar um governo burguês, classista, racista e patriarcal que a independência que pretende defender. Independência, em primeiro lugar, de seus meios de comunicação corporativos para pensar criticamente; independência da oligarquia catalã. Independência, o maior possível, de poder estabelecido.

Medo da violência do Estado mantendo sua ordem, não importa o custo. Mas são muitos na rua e muitos mais estão com você.

FORÇA para todxs e para aquelxs que permanecem, COMPANYES. Isso só começou.

Essa zine é dedicada à Maloca Libertária em Salvador, e um tributo aO Inimigo do Rei.
O nome é uma ênfase na presença feminina no anarquismo.
Porque não só homens são revolucionários,
da mesma forma que não só homens são reacionários.
Valorizamos a irmandade entre mulheres, e acreditamos na importância do apoio entre feministas.
Mas também achamos importante apontar nossa oposição a um certo feminismo reacionário
neo-liberal, exemplificado pela Rainha. Preferimos cultivar a rainha dentro de cada umx de nós.
Visamos um feminismo que apoia e incorpora a luta dxs trans, pobres, e negrxs.
Somos contra o 'feminismo' cooptado pelo capitalismo e pelo Estado.
Somos queers, não-binárixs, homens, mulheres, e os dois, lutando contra o patriarcado,
a supremacia branca, o capitalismo, e o neocolonialismo.

POBREZA NÃO É IGNORÂNCIA

"Não estamos pedindo para ser incluídas numa sociedade racista.
Se falamos não para o patriarcado hetero, então não queremos ser assimiladas numa sociedade
que continua profundamente misógina (…). Se falamos não para a pobreza,
não queremos ser contidas por uma estrutura capitalista
que valoriza lucro mais do que seres humanos."
Angela Davis (paráfrase de um discurso dado na TV BAHIA dia 25 de Julho de 2017.)

"a mulher burguesa(...). Envolve um cachorrinho de estimação em flanelas e o deita na sua
almofada ao mesmo tempo que enxota uma criança miserável para que não suje seus tapetes.
Querendo [tornar a mulher] 'igual' ao homem nos direitos à ferocidade exigida pelo Estado."
Maria Lacerda de Moura (Do livro Serviço militar obrigatório para mulheres? Recuso-me! Denuncio!)

SOMETHING PRINTED FOR READING
spfr.noblogs.org